

APRESENTAÇÃO

Dossiê “A epistemologia da complexidade e o ‘fazer’ interdisciplinar”

A revista *Trama Interdisciplinar*, respondendo às exigências da sua vocação de disseminar a produção do conhecimento do campo interdisciplinar, acolheu a proposta de pesquisadores e professores de publicar nesta edição 16.2 um dossiê enfatizando a epistemologia interdisciplinar, com a colaboração de estudiosos de diferentes grupos de pesquisa. Dos 15 artigos que recebemos, selecionamos nove para o dossiê e nove para a seção de fluxo contínuo.

A consolidação da interdisciplinaridade como campo de reflexão, metodologia de pesquisa e horizonte ético-epistemológico constitui um dos movimentos mais relevantes da ciência contemporânea. Longe de representar mera cooperação instrumental entre áreas do saber, a interdisciplinaridade afirma-se como gesto crítico diante da fragmentação disciplinar que marcou a modernidade científica. Ao tensionar os regimes de especialização excessiva e as fronteiras rígidas do conhecimento, ela inaugura um movimento de rearticulação epistemológica que reconhece a insuficiência de perspectivas isoladas para enfrentar fenômenos marcados pela instabilidade, pela heterogeneidade e pela interdependência. Nesse sentido, não se trata apenas de integrar conteúdos ou metodologias, mas também de reconfigurar modos de pensar, investigar e legitimar saberes, instaurando uma ética da relação, da transversalidade e da corresponsabilidade cognitiva.

Ao reconhecer a insuficiência de perspectivas isoladas para enfrentar fenômenos marcados pela instabilidade, pela heterogeneidade e pela interdependência, a interdisciplinaridade inaugura um movimento de rearticulação epistemológica que exige não apenas a integração de conteúdos ou metodologias, mas a reconfiguração dos próprios modos de pensar, investigar e legitimar saberes. É nesse horizonte que a complexidade deixa de ser entendida como atributo contingente do real para se afirmar como princípio organizador da investigação e condição constitutiva do pensamento científico contemporâneo.

Nas últimas décadas, o crescimento da área interdisciplinar da Capes (área 45) e as transformações na pós-graduação brasileira tornaram ainda mais evidente que nenhum desafio contemporâneo – ambiental, educacional, social, tecnológico, político ou cultural – pode ser adequadamente enfrentado a partir de perspectivas isoladas. O modelo clássico de disciplinarização, herdeiro do século XIX, mostrou-se insuficiente para lidar com a interdependência que atravessa os fenômenos reais, para os quais a especialização rigorosa já não basta: impõem-se o diálogo, a articulação entre campos e uma postura epistêmica capaz de reconhecer que o conhecimento é sempre provisório, situado e tecido em relação.

É nesse horizonte que se insere o presente dossiê. Os textos aqui reunidos não apenas exploram a pluralidade conceitual que compõe o debate interdisciplinar, mas evidenciam a emergência de um modo de produzir conhecimento orientado por problemas que ultrapassam e reconfiguram as fronteiras disciplinares. A complexidade, nesse contexto, deixa de ser mero atributo externo do mundo para afirmar-se como condição ontológica e exigência metodológica do próprio fazer científico.

As contribuições que compõem esta edição problematizam fundamentos históricos, conceituais e metodológicos da interdisciplinaridade, examinando suas tensões e paradoxos, e delineando caminhos para qualificar sua prática nos âmbitos científico, educacional e social. Da análise crítica das origens da área interdisciplinar da Capes aos estudos que evidenciam a potência dos saberes ancestrais amazônicos; das reflexões sobre o desenvolvimento profissional docente às críticas à modernidade e às suas tecnologias; dos diálogos com o pensamento complexo e a decolonialidade às investigações sobre transdisciplinaridade e racionalidade contemporânea, os artigos convergem para uma mesma compreensão: a interdisciplinaridade não se reduz à técnica de integração de saberes, mas constitui uma necessidade epistemológica e política.

Assumi-la implica coragem intelectual. Significa atravessar fronteiras, reconstruir categorias, reelaborar métodos, enfrentar incertezas e abandonar a ilusão da neutralidade científica. Implica também reconhecer epistemologias historicamente marginalizadas, acolher a pluralidade de mundos e produzir, de forma colaborativa, respostas mais amplas e inclusivas para os dilemas do nosso tempo.

Mais do que um procedimento metodológico, a interdisciplinaridade configura uma postura: modo de olhar, interpretar, questionar e intervir na realidade. Trata-se igualmente de um gesto político, na medida em que desafia hierarquias instituídas, confronta lógicas produtivistas e resiste à redução da pesquisa a métricas de eficiência. Na universidade, afirma-se como defesa da autonomia crítica do pensamento; na sociedade, como possibilidade de compreender a complexidade dos fenômenos complexos e construir alternativas éticas, sustentáveis e plurais.

Abrindo o dossiê, João Clemente de Souza Neto, Rosana Maria Pires Barbato Schwartz, Roger Muniz e Ricardo Lopes Dias, com o texto “Século XXI: tempo de pensar e agir interdisciplinarmente”, propõem uma reflexão sobre a crise da fragmentação do saber, vista como “patologia do conhecimento”, e evidenciam, a partir do modo de ser dos Guarani Mbya, como a totalidade e a indissociabilidade entre pensamento e prática se constituem fundamentos epistemológicos potentes para superar racionalidades técnicas e coloniais.

Em seguida, Maria da Graça Nicoletti Mizukami, Maria Antonia Ramos de Azevedo e Maria de Fátima Ramos de Andrade apresentam “Interdisciplinaridade e aprendizagem da docência: implicações epistemológicas e metodológicas”, em que discutem as

implicações epistemológicas e metodológicas da formação docente, defendendo que o desenvolvimento profissional deve ocorrer em uma perspectiva interacionista e processual, que articule saberes, contextos e práticas em uma postura investigativa colaborativa.

Djalma Thürler, no artigo intitulado “Entre a urgência e a invenção: a formação da interdisciplinaridade na Capes e seus paradoxos epistemológicos”, reconstrói historicamente a formação da área interdisciplinar, evidenciando tensões entre inovação e enquadramento institucional, e desmontando o imaginário depreciativo que, por vezes, acompanha a área no sistema de pós-graduação brasileiro.

No quarto texto, “Abrindo as gaiolas epistemológicas em busca do sonho transdisciplinar: uma proposta pedagógica fundamentada no pensamento complexo”, Cátia Pitombeira e Vanessa Ribas Fialho conduzem a leitora e o leitor a uma proposta pedagógica inspirada no pensamento complexo e na transdisciplinaridade, apresentando o “desenho educacional complexo” como caminho para experiências formativas que rompem fronteiras rígidas entre sujeito, objeto, cultura e linguagem.

Em “Epistemologias da floresta: caminhos interdisciplinares na Amazônia”, Itamar Rodrigues Paulino, Elian Karine Serrão da Silva e João Neto Sousa Rodrigues trazem a potência das epistemologias amazônicas para o centro do debate, questionando o caráter classificatório da ciência moderna e defendendo a articulação entre saberes ancestrais e práticas acadêmicas em prol de justiça cognitiva e sustentabilidade socioambiental.

Na sequência, Ana Paula Colavite e Fabiane Freire França, autoras de “Para (re)pensar um projeto de pesquisa interdisciplinar: a complexidade das/nas fronteiras do conhecimento”, oferecem aos leitores e às leitoras um ensaio teórico que destaca as dificuldades e exigências do processo de elaboração de projetos interdisciplinares, ressaltando a necessidade de autonomia crítica, criatividade, diálogo e posicionamento ético na construção do conhecimento.

No sétimo texto, intitulado “Modernidade e ciberespaço: reflexões a partir da decolonialidade e da teoria do ator-rede”, Marlize Rubin Oliveira, Ronaldo César Darós, Giovanna Pizarico e Hieda Maria Pagliosa Corona analisam como o ciberespaço, ao interligar humanos, algoritmos e tecnologias, torna-se campo fértil para práticas interdisciplinares e para o enfrentamento das desigualdades epistemológicas produzidas pela modernidade.

Em “Dos fragmentos às conexões: limites do pensamento disciplinar e a emergência de novos olhares interdisciplinares e transdisciplinares na educação”, Ana Pâmela Guimarães Pereira, Maria José de Pinho e Luciane Sena da Cunha Souza revisitam as raízes do pensamento disciplinar e seus limites para a educação contemporânea.

A partir do diálogo com Morin, Fazenda, Freire e Nicolescu, o texto propõe currículos e práticas pedagógicas que privilegiem integração, diálogo e complexidade.

Por fim, “Fundamentos da interdisciplinaridade: apontamentos históricos, conceituais, metodológicos e políticos”, Beatriz Alencar d’Araújo e Carla Viviane da Silva encerram o dossiê com uma análise abrangente da trajetória histórica, política e filosófica da interdisciplinaridade, discutindo como Estado, capital e academia moldaram seu desenvolvimento desde o século XIX até o capitalismo digital, e defendendo sua prática como resistência ética ante a crescente padronização e produtivismo acadêmico.

Os artigos que compõem este dossiê demonstram que a interdisciplinaridade está longe de ser mero rótulo metodológico: trata-se de um campo vivo, em disputa, que exige coragem intelectual, criatividade, compromisso ético e disposição para transitar entre mundos, saberes e paradigmas.

Esperamos que este dossiê inspire leituras plurais, diálogos generosos e novas práticas que fortaleçam, nos âmbitos acadêmico e social, modos de conhecer capazes de responder aos desafios do nosso tempo. Que ele sirva como convite à abertura, à reflexão crítica e à imaginação epistemológica – atributos indispensáveis para o século XXI.

A revista escolheu para esta edição os seguintes artigos para o fluxo contínuo: “Inclusão escolar na rede pública: perspectivas e desafios da educação especial no ensino fundamental em São José dos Campos”, de Madison Coelho de Almeida, Donizete dos Santos Santana, Delvonei Alves de Andrade e César Augusto Eugênio; “O *flâneur* em Benjamin: apontamentos para a caminhografia urbana em pesquisas sobre cidade e educação”, de Marcio Tascheto da Silva, Gustavo Gonçalves Cougo e Anelis Rolão Flôres; “Educação antirracista e tecnologia na luta contra o racismo no futebol”, de Marcos Antonio Batista da Silva; “As multifaces da práxis da arte e do ensino-aprendizagem em arte, a partir de novos paradigmas”, de Marlise Borges de Lima e Cilene das Mercês Barreto Nabiça; “Entre presença e pertencimento: clima escolar no Programa Ensino Integral”, de Luís Lopes do Nascimento, Marco Wandercil, Edivaldo César Camarotti Martins e Wilson Leite da Silva; “Uso de telas digitais por crianças de um centro de educação infantil”, de Maria Izabel Rodrigues Tognato; “Dimensões pedagógicas dos processos de organização dos movimentos negros no Brasil da democratização”, de Paulo Cesar Ramos, Julio Taimira Chibemo e Celso Luiz Prudente; “Uma estratégia de ensino democrático que possibilita aprendizagens dos alunos e do professor especialista”, de Laurinda Ramalho de Almeida, Harley Sato e Antônio Carlos Caruso Ronca; “Processos de reexistência na troca de cartas entre adolescentes internos da Fundação Casa e educadores do Programa Juventudes do Sesc em São Paulo”, de Rafael Felix Pelvini e Juliana Fonseca de Oliveira Neri.

Esse conjunto de artigos aborda temas por uma perspectiva intercultural, evidenciando a complexidade dos fenômenos sociais totais. De algum modo, explicita o jeito interdisciplinar de fazer pesquisa.

Ótimas leituras!

Prof. Dr. Djalma Thürler

Universidade Federal da Bahia (Ufba)

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Prof. Dra. Verônica Teixeira Marques

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (Aninter)/Afya Unima